

## PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL DE NATIVOS E IMIGRANTES DIGITAIS NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO DE SALA DE AULA NA EJA

Andrielly Silva<sup>1</sup>, Elson M. da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia no Campus Anápolis de CSEH e Bolsista PIBIC-UEG.  
andriellydepaula@outlook.com

<sup>2</sup>Doutor em Educação, pesquisador e Docente da UEG.

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões empírico-teóricas tendo como base a realização de um estudo em que se procurou compreender as práticas de letramento digital dos sujeitos em situação de aprendizagem na Educação de Jovens Adultos. O estudo configura-se como qualitativo. Foram realizados estudos teóricos e constituíram-se sujeitos da pesquisa 67 jovens e adultos, alunos (as) da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública municipal localizada num bairro periférico de Anápolis. O estudo aponta que são grandes as lacunas no que tange às práticas de letramento digital dos jovens e adultos e também aponta que a EJA pode não estar cumprindo seu papel de informar e formar os seus alunos (as) para a era digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** TIC, EJA, NATIVOS DIGITAIS, IMIGRANTES DIGITAIS.

### Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões empírico-teóricas tendo como base a realização de um estudo em que se procurou compreender as práticas de letramento digital dos sujeitos em situação de aprendizagem na Educação de Jovens Adultos. Para tanto, elegeu-se a seguinte problemática: será que o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública municipal possibilita que os alunos desenvolvam práticas de letramento digital?

Para a busca de resposta a essa problemática ancoramos o presente estudo nos pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa. Para tanto, realizamos estudos teóricos, e constituíram-se sujeitos da pesquisa 67 jovens e adultos, alunos (as) da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública municipal localizada num bairro periférico de Anápolis.

Do ponto vista da educação escolar, consideramos ter sido importante a realização deste estudo principalmente por dois motivos. Primeiramente, porque o presente estudo contemplou, como universo de pesquisa, a modalidade da Educação Básica brasileira denominada EJA- Educação de Jovens e Adultos. Segundo Kleiman (2001), a EJA é uma modalidade da Educação Básica ofertada

nos níveis Fundamental e Médio e que atende, em sua maioria, população que não pôde ou não “quis” estudar na idade “certa”. Segundo essa autora, a EJA vem sendo menosprezada e negligenciada pelas políticas públicas educacionais desde a sua criação, quando ainda era entendida como classes escolares que tinham a função de ensinar, de maneira mecânica e descontextualizada, jovens e adultos que não puderam ou não quiseram estudar na idade “certa”. Naquele contexto histórico, a EJA era sinônimo de alfabetização dentro da perspectiva conservadora e determinista. Neste sentido, julgamos importante ter realizado este estudo, pois por meio dos processos e produtos gerados porele, poderemos contribuir para um repensar crítico sobre as políticas e práticas educativas principalmente na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

O segundo motivo, que justifica a importância de ter realizado este estudo, diz respeito ao desenvolvimento desenfreado das tecnologias digitais que, dependendo do contexto e das implicações socioculturais, pode reforçar mais ainda a discriminação que historicamente marca a EJA no Brasil. Neste sentido, a EJA, que já é caracterizada historicamente como uma educação destinada a pobres que não puderam estudar na idade “certa”, pode ter esse viés mais acentuado, ainda, por não conseguir incluir digitalmente seus alunos. Assim é importante questionarmos se a EJA está, ou não, cumprindo o seu papel que é formar e informar seus alunos também para a “era digital”.

Em um mundo globalizado, caracterizado principalmente pelo desenvolvimento tecnológico, impulsionado pelo advento de ferramentas comunicativas digitais, ampliam-se demandas e desafios tanto em âmbito pessoal quanto profissional. Esse fenômeno atinge variadas classes sociais e faixas etárias em todo o mundo. Nesse sentido, os discentes matriculados em cursos de EJA precisam se atualizar no que diz respeito à inclusão digital, indispensável a uma efetiva inclusão social, haja vista que, conforme parâmetros contemporâneos de interação, estamos todos “conectados”. Nesta linha de pensamento entendemos que a EJA não pode ficar isenta de uma análise mais rigorosa no que diz respeito à sua função de preparar os alunos para saberem interagir de forma crítica e autônoma nesta sociedade “globalizada”. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podem ser grandes aliadas neste processo de formação discente.

Assim como no contexto social, na esfera da educação escolar coexistem pessoas que têm facilidade na aquisição de competências e habilidades ligadas às TIC e pessoas que têm mais dificuldade nesse processo de aprendizagem. Essa prática de letramento digital inclui a manipulação de *hardwares* diversos, tais como, computadores, celulares, *tablets*, *iPads*, *iPods* com acesso à *internet*, assim como *softwares* com variadas finalidades.

Ainda que existam pesquisas que apontam as causas de alguns terem mais e outros menos familiaridade com as tecnologias digitais, o fato é que nos deparamos com um verdadeiro "*apartheid* digital" caracterizado por um gigantesco fosso entre poucos que se "plugam" por meios das TIC e muitos que, por razões mais diversas, encontram-se marginalizados, mas não imunes, à "era digital".

Talvez, na EJA, possamos buscar explicação para esse "*apartheid* digital" tomando como referência o fator "geração" da comunidade escolar que frequenta essa modalidade de ensino: jovens a partir dos 15 anos de idade, adultos e idosos. A propósito, considere-se como objeto de pesquisa, sobretudo, adultos e idosos matriculados na EJA, haja vista que os jovens fogem ao perfil discente que se deseja investigar. Na maioria das vezes em turmas de EJA deparamo-nos com jovens "nativos digitais" e, antagonicamente, idosos "imigrantes digitais".

## Fundamentação Teórica

### Letramento Digital

Para Soares (2002), o conceito de letramento, na "cultura" do papel, é considerado como "[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita [...]" (p. 47). Já no campo da "cultura digital" o termo letramento é reconcebido e passa a ser entendido como uma condição que caracteriza as pessoas que se apropriam da nova tecnologia digital e, com isto, exercem práticas de leitura e escrita na "tela" do computador.

Coscarelli & Ribeiro (2005, p. 9) entendem o conceito de letramento mediado pelas "telemáticas" como "[...] a ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital". Tanto Soares (2002) quanto Coscarelli & Ribeiro (2005) entendem que as práticas de letramento digital surgem e se desenvolvem em decorrência dos usos e da presença das mídias digitais na sociedade contemporânea, incluindo o computador e a *internet*.

De acordo com as definições de letramento digital apresentadas por Soares (2002) e Coscarelli e Ribeiro (2005), acima explicitadas, podemos entender que o letramento digital surge e se desenvolve em relação direta com o desenvolvimento dos aparatos tecnológicos de base informática-digital. Kenski (2007) aponta que com o desenvolvimento das tecnologias eletrônicas de informação e computação vai se configurando um novo tipo de linguagem, denominada de linguagem digital. Segundo a autora, a linguagem digital é considerada, após a oralidade e a escrita, a “terceira linguagem” que surge e se desenvolve em articulação com as tecnologias eletrônicas de informação e comunicação. Entre as múltiplas TIC a linguagem digital se expressa também por meio dos computadores e da *internet*. Assim, as práticas sociais, decorrentes dos usos que as pessoas fazem da linguagem digital, mediada pelo computador e *internet*, é o que Soares (2002) e Coscarelli & Ribeiro (2005) denominam de práticas de letramento digital.

### A Educação de Jovens e Adultos

De acordo com Arelaro e Kruppa (2002), a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da Educação da Básica, expressa na LDB N. 9.394- 96, destinada às pessoas jovens e adultas que por qualquer motivo não puderam estudar na idade adequada. Por ser uma modalidade da educação, pode ser oferecida nos níveis alfabetização, Fundamental ou Médio.

Arelaro e Kruppa (2002) afirmam que ser formos olhar o início da história da educação escolar no Brasil, por volta de 1549, lá identificaremos a “preocupação” da Companhia Missionária de Jesus em catequizar e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas adultos que viviam na colônia brasileira. Deste ponto de vista, então, podemos afirmar que a educação de jovens e adultos tem seu início no mesmo período de criação das primeiras escolas no Brasil. Do seu surgimento até os dias atuais a EJA nunca foi, de fato, considerada prioridade por parte das políticas públicas brasileiras.

### Material e Métodos

O trabalho foi orientado pelos pressupostos da pesquisa qualitativa. Em relação aos procedimentos foram utilizados os seguintes: a) pesquisa bibliográfica e b) aplicação de questionário semiestruturado. Marconi e Lakatos| (2006) entendem

que a pesquisa bibliográfica é considerada como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (p.158). Em relação ao questionário, este foi aplicado para 68 alunos e alunas que cursavam do primeiro ao nono ano da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública municipal de Anápolis. Essa escola foi fundada em 10 de maio de 1956 e oferta a Educação de Jovens e Adultos desde a década de 1990.

Em relação aos sujeitos que participaram da pesquisa, 67 alunos, podem ser caracterizados da seguinte forma: 41 homens e 26 mulheres; 31 se declaram ser de cútis branca e 35 de cútis negra. A idade dos sujeitos da pesquisa variava entre 16 e 78 anos.

### Resultados e Discussão

De acordo com os dados analisados, pudemos inferir que o número de mulheres (26) que frequentam o universo estudado (EJA) é considerado minoria se comparado ao número de homens (41). Esse dado parece contrariar alguns estudos e teorias que afirmam que nas últimas décadas tem-se ampliado o número de matrículas na educação escolar no que diz respeito ao gênero feminino no Brasil. Por exemplo, em uma pesquisa intitulada “Trajetória da Mulher na Educação Brasileira (1996 a 2003) evidenciou-se que “elas são maioria em quase todos os níveis de ensino, especialmente nas universidades, tornando-se cada dia mais alfabetizadas; e apresentam um desempenho escolar, em vários níveis, comparativamente melhor ao dos homens” (p. 49).

Neste sentido, entendemos que o Estado, em parceria com a sociedade civil organizada, precisa ampliar suas políticas públicas em vários níveis e setores da sociedade para, então, construir com ações que possam contribuir para a entrada e permanência das mulheres no sistema educacional brasileiro. Segundo Rosemberg (2001), muitas vezes o pouco acesso das mulheres à escola ocorre em função do preconceito histórico que elas sofrem numa sociedade machista em que se difunde o mito de que lugar de mulher é em casa, cuidando da casa e dos filhos.

Em relação às práticas de letramento digital, desenvolvidas por meio de computadores e da *internet*, os sujeitos da pesquisa responderam a essa pergunta do questionário afirmando que: 21 fazem algum tipo de uso do computador e 45

disseram não fazer nenhum tipo de uso, sendo que 2 alunos optaram por não responder essa pergunta. Tomando como referência esse dado (45), observa-se que é grande o número de jovens e adultos que ainda se encontram às margens da “era digital”. O avanço das TIC, ainda que possibilite aos sujeitos o desenvolvimento de várias práticas de letramento digital por meio dos artefatos tecnológicos, também traz grandes desafios à sociedade, principalmente à camada menos favorecida social e economicamente. Um desses desafios está relacionado “aos que sabem” e aos “quem não sabem” fazer usos das TIC. No que tange ao dado, aqui analisado, acreditamos que o desenvolvimento das TIC tem reforçado em dois sentidos a discriminação que, historicamente, assola a população que frequenta a EJA. O primeiro sentido está relacionado ao fato dessa população ser excluída socialmente e, por isto, recorrer aos bancos escolares na fase adulta. O segundo é no sentido que, no contexto da “era digital”, essa população encontra-se “desconectada” de tal realidade social.

Os motivos pelos quais os sujeitos da pesquisa disseram não fazer nenhum tipo de uso do computador ou da internet (45) são variados, sendo que: 25 disseram “não possuir dinheiro” para comprar computador; 08 afirmaram que não conseguiram manusear a “máquina”; 04 por “falta de tempo”; 03 por “não gostar”; 03 por não “precisar dele”, e 2 por “falta de conhecimento sobre computador”. Com base nesse dado pudemos analisar que a questão econômica parece ser o motivo principal pelo qual grande parte da população estudada (25) não tem acesso ao computador e à *internet*, pois a maioria respondeu “não possuir dinheiro” para comprar computador. Este dado nos chama atenção para o fato de que a tão sonhada democratização da “rede” mundial dos computadores ainda está longe de acontecer, pois numa sociedade capitalista como a do Brasil, por exemplo, somente quem tem certo poder de compra pode ter acesso ao computador e à *internet*.

Os outros motivos pelos quais os jovens e adultos responderam não fazer nenhum tipo de usos das TIC, (25) estão relacionados, mais fortemente, mas não unicamente, à questão de falta informação e formação em relação às TIC. Neste sentido é que precisamos questionar se a escola pública realmente cumpre o seu papel de informar e formar os jovens e adultos em relação às demandas socioculturais. E desenvolver nos alunos, inclusive os que frequentam a EJA, práticas de letramento digital por meio dos artefatos tecnológicos de natureza

informático-digital é condição necessária não somente para atender às novas demandas sociais como, também, à própria cidadania que leva os sujeitos à inclusão social. Castell (1999) nos chama atenção para o fato de que a inclusão social perpassa, também, a inclusão digital uma vez que na *internet* estão armazenados cerca de 90% dos conhecimentos e informações mundiais. Novamente gostaríamos de frisar como base nesta análise a importância da escola incorporar em seus trabalhos pedagógicos, especialmente em sala de aula, atividades de letramento digital como forma de contribuir na informação e formação dos jovens e adultos ampliando suas capacidades no que tange aos usos das TIC.

Outro dado que nos chamou atenção neste estudo, e que corrobora com nossa tese de que a EJA não prepara os seus alunos para a “era digital”, está relacionado à pergunta feita aos sujeitos do estudo: “a escola já desenvolveu alguma atividade usando computador ou *internet*? ” A essa pergunta quase 90% dos sujeitos responderam que não, ou seja, que a escola não desenvolvia atividade usando o computador e a *internet*. O restante dos sujeitos da pesquisa optou por responder que “não se lembrava” ou “não sabia informar”.

Analizando mais ainda esse dado, nos chamou atenção o fato da escola estudada possuir em seu interior um laboratório de informática. Perguntando à coordenadora pedagógica da EJA sobre a existência do laboratório de informática na escola, ela nos disse que “ele só funcionava durante os períodos matutino e vespertino das aulas e que à noite os jovens e adultos não precisariam fazer uso dele”. Novamente pudemos analisar com base no letramento digital dos jovens e adultos estudados o quanto a educação de jovens e adultos ainda é menosprezada pela própria organização da escola na medida em que “nega” a essa população o direito de ter acesso aos aparelhos tecnológicos digitais na Instituição Escolar.

Dos 21 jovens e adultos, sujeitos da pesquisa, que responderam fazer usos de computador e da *internet* e portanto, parecem desenvolver práticas de letramento digital, 15 encontravam-se na faixa etária de até 36 anos de idade e 06 encontravam-se na faixa etária acima de 37 anos de idade.

Os sujeitos que se encontravam na faixa etária de até 36 anos de idade disseram fazer usos do computador e da *internet* principalmente para “acessar redes sociais”, “enviar e receber e-mail”, “ouvir música no celular”, “digitar e imprimir

trabalhos da escola”, bem como comunicar-se com “parentes e amigos” por meio do “whatsapp”, este último sempre que conseguiam acessar *internet* “gratuita”.

Já entre o restante (06), que se encontrava na faixa etária acima de 37 anos de idade, a maioria (05) disse apenas usar o celular para “fazer e receber ligação” e ver a “hora” nele.

Esse dado analisado parece corroborar com a tese defendida por Presnky (2001) de que existiriam na “era digital” os imigrantes e os nativos digitais. Segundo esse autor, em decorrência da chegada e disseminação das tecnologias digitais, é possível identificar dois tipos de população altamente influenciada por estas tecnologias digitais. Na primeira, que o autor denomina de imigrante digital, estão os que não nasceram no “mundo” digital, mas que, por algum motivo, passaram a fazer usos das tecnologias digitais. Estes, por razões sociais e culturais, fazem usos dos artefatos tecnológicos, porém apresentam grandes limitações nesses usos. Assim, os imigrantes digitais não “descobriram”, ainda, as grandes potencialidade e facilidades proporcionadas pelos artefatos tecnológicos de natureza eletronônico-digital.

A segunda população é caracterizada por Presnky (2001) como os nativos digitais e representa as primeiras gerações que nasceram e cresceram cercados e fazendo usos diversos das tecnologias digitais, entre elas: o computador, celulares, tocadores de músicas digitais e *internet*. Para o autor, como consequência deste ambiente social, marcado pelo grande volume de interação com as tecnologias digitais, os nativos digitais pensam e processam as informações de forma bem diferente das gerações anteriores e “[...] *They like to parallel process and multi-task.* [...]”, “[...] *prefer random access (like hypertext).*”, e “[...] *function best when networked.*” (PRESNKY, 2001, p. 2). Acrescenta, ainda, que os nativos digitais podem “[...] *learn successfully while watching TV or listening to music*” (PRESNKY, 2001, p.3).

Com base nesse último dado identificado nesta pesquisa podemos inferir que os 15 sujeitos da pesquisa que se encontravam na faixa etária de até 36 anos de idade podem ser considerados nativos digitais, uma vez que suas práticas de letramento digital parecem estar sendo desenvolvidas por meio de vários artefatos tecnológicos. Em contrapartida, os outros, 06, que se encontravam na faixa etária

acima de 37 anos de idade, podem ser caracterizados como “imigrantes digitais”, pois aparentam ter suas práticas de letramento digital desenvolvidas apenas em um suporte tecnológico digital (celular) e apresentam também limitações nos seus usos.

### Considerações Finais

Com a realização do estudo, inferirmos que são grandes as lacunas no que tange às práticas de letramento digital dos jovens e adultos. Isto porque evidenciamos que ainda é grande o número de jovens e adultos que não possui computador e *internet*. Dos que possuem esses artefatos tecnológicos, a maioria apresenta ter suas práticas de letramento digital desenvolvidas de forma limitada. O estudo aponta, também, que a EJA parece não estar cumprindo seu papel de informar e formar os seus alunos para a “era digital”.

Como forma de atenuar, mas não resolver os desafios da EJA, até porque para isto exigem-se ações muitos complexas da sociedade e do governo, são sugeridas duas questões: a) que a sociedade reflita, e cobre das instâncias competentes, sobre as políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos e; b) que os próprios profissionais e professores que atuam na EJA busquem por mais capacitação docente, inclusive sobre os usos das TIC em sala de aula para, assim, informar e formar os seus alunos dentro de uma perspectiva crítica para a “era digital”.

### Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me ajudado em cada parte da pesquisa. Agradeço meu professor e orientador deste estudo, Dr. Elson M. Silva, por ter me dado a oportunidade de realizar essa pesquisa como bolsista. Agradeço aos meus pais e aos amigos da UEG por me ajudarem. E agradeço, também, a gestão e alunos (as) da escola estudada que nos possibilitou a coleta dos dados da pesquisa.

### Referências

ARELARO, Lisete Gomes; KRUPPA, Sônia Portella. A educação de jovens e adultos. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela; ADRIÃO, Theresa (Org.). **Organização do ensino no Brasil:** níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. São Paulo: Xamã, 2002. p. 89-107.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção linguagem e educação).

GODINHO, Tatau et. al.(Org.). Trajetória da mulher na educação Brasileira: 1996-2003. Disponível em <http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/347>. Capturado em 03.mai. 2016.

KLEIMAN, Ângela B. **Programas de educação de jovens e adultos e pesquisa acadêmica:** a contribuição dos estudos do letramento. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 27, p. 267- 281, jul./dez. 2001.

PRESNKY, Marc. **Digital natives digital immigrants.** University Press, Vol. 9 n. 5, October de 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> . Acesso em fev/2016.

ROSEMBERG, Fúlia; PIZA, Edith P.; MONTENEGRO, Thereza. **Mulher e educação formal no Brasil:** estado da arte e bibliografia. Brasília: INEP/REDUC. 2001.

KENSKI, Vani. M. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Campinas: Educação e Sociedade, vol. 23, n. 81, 143-160 p., dez, 2002.